

## #UERJResiste e Opinião Pública: Marginalidade e Resistência da Universidade Pública<sup>1</sup>

André Luís Cardoso Tropiano  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ

### Resumo

Este artigo busca entender a crise da UERJ e a atuação do movimento social em rede #UERJResiste. Para tanto, realizamos uma breve controvérsia sobre a situação da universidade e sua relação com a esfera pública. A metodologia adotada toma o pesquisador em suas vivências com o objeto de estudo, caminhando pelos espaços *on-line* e *off-line*, conforme sugere Gomes e Leitão (2017) numa “etnografia-stalker”, destacando os principais acontecimentos. Constatamos que #UERJResiste teve função primordial de influenciar a opinião pública através da mídia de massa a adotar uma postura em defesa de sua causa, evidenciado pela reportagem “Um Mês na UERJ”, produzida e exibida pela Rede Globo. Tratamos de uma reflexão oriunda de uma pesquisa em andamento sem pretensão de respostas conclusivas.

**Palavras-chave:** opinião pública; marginalidade; uerj; resistência; Facebook.

### Introdução

Este artigo é um estudo exploratório da pesquisa do autor que tem por objetivo compreender o movimento #UERJResiste por meio de sua página no Facebook, bem como uma análise do discurso da mídia por via da cobertura de canais de TV aberta, especificamente do jornalístico regional RJTV2, da Rede Globo.

Partimos do posicionamento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) como espaço público periférico e marginal para entendermos o seu ataque e desmonte em curso, que afeta diretamente à produção de conhecimento científico, atendimento à comunidade e ensino, que tem por finalidade *sine qua non* transformar a realidade de muitos atores envolvidos no fazer acadêmico. Compreendemos o conceito de esfera pública para entender a importância de uma instituição em sua relação com a opinião pública. A compreensão da marginalidade é colocada a partir da sua relação flexível com o Estado, não cabendo apenas em termos de espaço físico, mas sobretudo discursivo.

#UERJResiste é um movimento social diferente de tantos outros que dominaram o cenário de conflitos no âmbito da Educação Brasileira, por isso faremos um breve apanhado de como surge a página e ganha força ainda maior durante o impasse de custeio travado pelo Governo do Estado com a Universidade.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação, Ética e Alteridades em Processos Relacionais de Subjetivação e Conflitos no Ambiente Organizacional, atividade integrante do XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

O foco deste artigo é no ano de 2017, momento em que a instituição fecha suas portas por falta de pagamento de funcionários, bolsistas e empresas terceirizadas, que impediu seu pleno funcionamento. Compreenderemos #UERJResiste como um movimento social em rede, contextualizando sua atuação e estratégias adotadas a partir de algumas postagens selecionadas que tiveram grande repercussão nas redes sociais e alguns fatos que repercutiram na TV aberta. Conversamos com um dos fundadores da página de #UERJResiste no Facebook para entender o seu surgimento e funcionamento, buscando acompanhar os trajetos do *on-line* para o *off-line* e como eles se relacionam e se influenciam mutuamente.

Na última parte deste artigo, analisaremos a reportagem “Um Mês na UERJ” empreendida pela Rede Globo através do jornalístico RJTV2 no mês de maio e junho de 2017, buscando contextualizar o papel da mídia e sua importância na visibilidade das questões pautadas pelo movimento.

### **Lutas e Resistências da/na Universidade na Esfera Pública: #UERJResiste na Rua, no Facebook, na Rede**

As Universidades do Rio de Janeiro atravessam hoje um dos piores momentos para a Educação Pública, ao sofrer ataques e ser deixada de lado por outras esferas de governo. Durante a crise atravessada pelo Governo do Estado, principalmente no ano de 2017, a situação alcançou patamares midiáticos de maior disputa simbólica, em que a UERJ passou a ser um dos principais espaço de conflito político.

Para situar o leitor nas condições de produção deste artigo vou descrever de maneira sucinta a minha história e relação com a UERJ. Importante destacar que o tom de narração dos acontecimentos feitos a seguir não são apenas de um observador, mas também de um participante. Ingressei na Universidade como cotista da Rede Pública de Ensino no segundo semestre do ano de 2007 no curso de Relações Públicas, no período noturno, para que tivesse a possibilidade de trabalhar e incrementar a renda de casa. Diante de minha realidade de origem periférica, do Complexo da Maré, e como trabalhador universitário, tive na UERJ minhas bases para a reflexão do mundo a minha volta e o incentivo fundamental para ingresso no mundo do trabalho e do fazer profissional da minha área. Também durante esse período em que estive e que estou na UERJ, passei por muitos momentos decisivos dos movimentos sociais dentro da Universidade, e que nem sempre foram de conciliação, tais como os processos de reintegração de posse e de prejuízos patrimoniais perpetrados a estudantes da Universidade em sua livre manifestação. Porém, compete destacar movimentações que foram fundamentais para a alcançar direitos e benefícios, como a Ocupação da Reitoria de 2007, que resultou em

importantes conquistas de mobilização estudantil com o apoio dos professores e funcionários, como o restaurante universitário, acúmulo de bolsas, ampliação das atividades de permanência dos cotistas entre outros.

Em nossa concepção, a Universidade é por excelência um espaço de conflito e não de consensos, bem como a política, porém é preciso buscar entendimento entre as diferenças. Segundo Charaudeau (2016), o conflito é tomado como norma social quando surgido de uma insatisfação pessoal dos poderosos, no desejo de hegemonia nos domínios étnicos e/ou religiosos ou sentimento de injustiça. Por isso, buscamos a implementação de um processo de regulação social, que podem colocar em negociação as posições de poder e contrapoder, quando as duas partes dispõem de meios de submeter a outra aos seus desejos. A partir daí se produz um jogo de influências recíproca, que inicia com posições antagônicas e posteriormente, após cada posição estar segura, podem começar uma negociação.

Nesta década, não é incomum para a sociedade as greves de professores e funcionários da área de Educação, bem como de estudantes, uma vez que lutam diariamente contra as penosas condições de trabalho e de renda impostas pelo Estado. O ano de 2017 se configura de maneira diferente dos demais, dados os sucessivos problemas nas relações entre a UERJ e o Governo do Estado e também dos problemas financeiros que impedem o pleno funcionamento da Universidade.

Essa crise atual teve suas origens nas tensões das eleições de 2014, que reelegeu a presidenta Dilma Rousseff, quando também foi trazido à tona os casos de corrupção nas empreiteiras, mudanças no repasse dos royalties do Petróleo, a farra da concessão de isenções fiscais, entre tantas outras polêmicas em andamento nas investigações da Polícia Federal. Através de um impeachment em 2016, chega ao Palácio Planalto um presidente ilegítimo com novas propostas de governo, além de um governador envolto em um mar de corrupções no Rio de Janeiro, ambos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Essas tensões ficam ainda mais acirradas em virtude dos megaeventos esportivos sediados pela cidade (2014 e 2016), que colocam em cheque os valores democráticos no país.<sup>2</sup>

Ainda em 2014, o ano letivo foi interrompido mais cedo, em meio a greve de terceirizados, funcionários de serviços de limpeza e manutenção, que sofreram com os problemas de pagamentos de seus salários, contando com a solidariedade e mobilização da comunidade universitária para continuarem a prestar serviço. No ano seguinte, o Estado

---

<sup>2</sup> Em referência ao editorial do Jornal do Brasil de 11 de agosto de 2017. Disponível no link <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2017/08/11/universidade-para-que-a-forca-e-o-futuro-da-uerj/>, acessado em 04.ago.2018.

inviabilizou durante dois meses, o pagamento das bolsas dos estudantes, que realizaram um movimento de ocupação da UERJ.

O final do ano de 2015 foi marcado pela eleição para reitoria, as discussões sobre o futuro sobretudo financeiro da Universidade são a grande tônica desse pleito. O reitor eleito, Professor Ruy Garcia Marques, demonstrava uma proximidade política junto ao Governo do Estado, pois já havia sido presidente da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), que é a agência de fomento à ciência e à tecnologia e à inovação do Estado do Rio de Janeiro, ou seja, responsável pela concessão de bolsas de estudos nas mais diversas áreas de pesquisa.

Em 2016, a crise se agrava, levando servidores, alunos e terceirizados a padecerem meses sem receberem seus salários e bolsas por mais de três meses. Já na posse do reitor, em janeiro de 2016, o Governador Luiz Fernando Pezão destaca que *“as Universidades Públicas brasileiras precisam urgentemente organizar suas ferramentas de gestão. Aprimorar seus modelos de governança e encontrar novas formas de financiamento.”*<sup>3</sup>

Neste momento, entendemos que o Governo do Estado coloca a UERJ enquanto antagonista, que apesar de pertencerem a uma mesma estrutura de Estado, sempre são colocados dentro dos discursos midiáticos e institucionais de Governo enquanto instituições independentes e por muitas vezes a Universidade é legada uma condição de suspeição, de inutilidade, com custos sem retorno direto a sociedade. A partir daqui surgem os discursos privatistas na mídia, próprios do capitalismo neoliberal atual, que ameaça a produção de conhecimento independente de interesses econômicos ou privados.

Estes conflitos acontecem no que chamamos de Esfera Pública, conceito consagrado pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, compreendido por ele enquanto uma dimensão mediadora entre o Estado e a Sociedade, onde através da liberdade dos debates políticos se desenvolve e se consolida a opinião pública. Na atualidade, conforme debateremos neste texto, diante dos desafios da sociedade em rede, moldada pelos interesses econômicos, temos uma tensão na constituição da Esfera Pública entre os interesses públicos e os interesses do mercado, em que tomam lugar as disputas entre o Estado, as empresas e as corporações. Com o advento das redes sociais digitais também surgem novos paradigmas de uma nova esfera pública conectada que se constitui também enquanto esfera pública numa simbiose. (MARTINO, 2014)

Desta forma, observamos um deslocamento discursivo, quando a instituição se coloca e é posta em uma posição de marginalidade e de certa forma contra o Estado, cobrando ações

---

<sup>3</sup> Notícia disponível no link <https://oglobo.globo.com/rio/uerj-tera-orcamento-2-menor-que-executado-em-2015-diz-novo-reitor-18456326>, acessado em 07.jan.2018

urgentes no sentido de reestabelecer seu funcionamento. Cabe destacar que o mesmo ocorre com outras instituições de ensino do Estado do Rio de Janeiro, tais como a Universidade Estadual da Zona Oeste (UEZO), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) – que se destaca na promoção do ensino técnico no Estado.

Diante disso, observamos que se estabelece uma relação discursiva de antagonismo, mas que também é de inter-dependência, uma vez entendemos a noção de marginalidade e centralidade contida não apenas em relação ao espaço, mas também em seu aspecto de poder. Desta forma, trazemos o conceito de margens discutido por Das & Poole (2008), que se dão sob a noção de soberania e do biopoder, designando outros tipos de sociabilidades para se referir a novas maneiras de enfrentar o poder. As antropólogas destacam que as margens não são estáticas:

É nestes processos da vida cotidiana em que observamos como se reconfiguram as margens do estado. Estas margens não são meros espaços periféricos, às vezes, como no caso das fronteiras dos estados-nação, determinam o que está dentro e o que fica fora e outras vezes, como no caso dos postos de controle, atravessam o corpo político do estado.

(Ibid., p. 34, tradução nossa)<sup>4</sup>

Ou seja, essas margens muitas vezes são indeterminadas, por isso são permitidas formas de resistências e também estratégias para entrar no Estado. Para além desse olhar de espaços que só devem ser administrados e gerenciada pelo Estado, mas que também flui para fora desse controle. Não podemos pensar as margens para fora do Estado e nem o Estado fora das margens. Estão relacionados numa constante negociação, criando e reformulando as fronteiras e os limites dessas fronteiras. No simbolismo de margens, que se movem a todo tempo, dentro e fora do Estado, torna-se fundamental inverter a perspectiva para que vejamos os espaços ditos marginais como potência, criando ações de resistência. (DAS;POOLE, 2008)

A resposta da Universidade ao Governador do Estado, vem no final de 2016 e no início de 2017, quando os atrasos nos pagamentos de salários de funcionários e bolsistas e da falta de repasse de recursos atinge um limite insustentável. Em apoio às demandas da comunidade universitária e como forma de resistência, o reitor da UERJ oficializa o fechamento temporário da Universidade, em janeiro de 2017, por não ter condições dignas de funcionamento. Em 10 de janeiro de 2017, em nota intitulada “A UERJ e o futuro do Rio de Janeiro”, com o apoio de

---

<sup>4</sup> “Es en estos procesos de la vida diaria donde podemos ver cómo el estado es reconfigurado en los márgenes. Los márgenes no son simplemente espacios periféricos. Algunas veces, como en el caso de las fronteras de los estados de una nación, determinan qué queda dentro y qué queda fuera. En otros casos, como en el de los puestos de control, atraviesan el cuerpo político del estado.”

mais seis ex-reitores, que expõe a importância da Universidade para o Estado, finalizando “*Desprezar o ensino superior, a pós-graduação e a pesquisa é apostar na miséria, na violência e num futuro sem perspectivas positivas. Forçar o fechamento da Uerj é não pensar no futuro de nosso estado e de nosso país. A Uerj e o estado são perenes, os governantes não.*” Naquele momento, a intenção da Universidade e de seus defensores era de que houvesse alguma solução dos governos para que fossem mantidas as atividades da Universidade, que tinha o pagamento de seus servidores em atraso, das bolsas e dos serviços terceirizados em débito.

Nessa breve controvérsia contextual, observamos que a UERJ se torna palco do avanço do pensamento neoliberal e privatizante da Educação, seus atores e apoiadores se unem para dizer que a Universidade Pública resiste. A partir desta decisão institucional, preocupa-nos pensar como a opinião pública pode se comportar diante da situação.

Por isso, primeiramente conceituaremos a opinião pública conforme Charaudeau (2016): “*é um saber coletivo de crença a respeito dos interesses da vida em sociedade e de seu ordenamento político.*” (p. 37). O autor também caracteriza a opinião pública sob duas formas: por atribuição e por reação. As duas estão interligadas e nos interessam, pois a primeira funciona como um efeito de espelho em que se constrói através de uma multiplicidade de olhares exteriores, dando a sociedade uma imagem homogênea. Esta forma é comumente expressada pela mídia ou por especialistas.

Diante da diversidade dos grupos sociais, só pode haver opiniões diversas, mas as instâncias do mundo político e midiático dedicam-se a homogeneizá-las através de pesquisas estatísticas, de comentários, de declarações peremptórias (“o povo está cansado dessa situação”), para melhor apropriar-se delas.

(CHARAUDEAU, 2016, p. 37)

Um exemplo de que essa opinião pública pode se mostrar, conforme citado acima por Charaudeau, aconteceu no mês de março, num dos momentos emblemáticos da crise. Em entrevista concedida ao programa matinal da TV Globo, o Bom Dia Brasil, a Subreitora de Graduação da UERJ, Prof<sup>a</sup> Tânia Carvalho Netto, chorou ao falar sobre as condições dos servidores e alunos da Universidade, que estavam há mais de quatro meses sem receberem seus salários.<sup>5</sup>

A segunda forma da opinião pública em Charaudeau (2019) emerge de uma reação de um grupo organizado que se manifesta diante de uma situação que julgue insuportável, sendo necessário que haja certas condições para sensibilizar indivíduos para a causa, também é importante que o acontecimento esteja sem solução, que cause problemas ou transtornos, pois

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/03/uerj-tem-pior-crise-da-historia-e-30-mil-alunos-sem-aulas-ha-mais-de-6-meses.html>, acessado em 11.ago.2018

a medida em que as incertezas diminuem o desinteresse da opinião pelo acontecimento aumenta.

O maior exemplo dessa segunda forma de opinião pública se trata do nosso objeto de estudo, a página #UERJResiste no Facebook, criada em 28 de janeiro de 2016, que atualmente conta com mais de 68 mil seguidores.<sup>6</sup> Sua intenção é dar visibilidade ao movimento de resistência da Universidade frente aos problemas impostos pelo Estado. Uma das ações de maior destaque da página no ano de 2017, se deu em 9 de abril de 2017, um dia antes do retorno do funcionamento da UERJ mesmo com pagamentos atrasados de servidores e de funcionários terceirizados, porém com ajustes entre as empresas de limpeza e segurança.<sup>7</sup> Nesse dia, a página do #UERJResiste publicou um vídeo do ator Mateus Solano, destacando a importância da Universidade e chamando a população a apoiá-la. A postagem teve mais de 79 mil compartilhamentos e mais de 2,4 milhões de visualizações.<sup>8</sup>

Outro fato a ser destacado também no mês de abril, no dia 18, aconteceu com o Professor José Antonio Novaes, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), que após sair de uma assembleia de docentes no campus Maracanã, entrou no metrô e denunciou aos passageiros a situação da universidade. O Professor foi filmado e compartilhado no Facebook com a hashtag #UERJResiste tendo mais de 129 mil visualizações.<sup>9</sup>

Importante mencionar o importante papel que as mídias exercem na construção da opinião pública, sobretudo em tempos de sociedade em rede, pois “*Elas fazem circular a palavra coletiva nas diferentes camadas da população, tocando assim o maior número de indivíduos através de manchetes, citações e fórmulas de impacto, com a aparência de uma opinião consensual.*” (CHARAUDEAU, 2016, p. 49)

Nesta rede de acontecimentos que se insere #UERJResiste, o movimento funciona como uma bandeira em defesa da Universidade Pública. Nesse período de profunda crise, todo tipo de postagem da comunidade da UERJ nas redes sociais que remetesse ao universo acadêmico ou político tinham a presença da hashtag, como uma causa, um movimento social, como é tratado por Castells:

Os movimentos sociais em rede de todo o mundo têm exigido uma nova forma de democracia, não necessariamente identificando seus procedimentos,

<sup>6</sup> Dados conferidos em 07.jan.2019

<sup>7</sup> <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/reitor-da-uerj-retoma-aulas-mas-diz-que-nao-ve-solucao-no-curto-prazo.ghtml>

<sup>8</sup> [https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/703235966467719/?\\_\\_xts\\_\\_\[0\]=68.ARCKyTBkcC8tTeUDw0nT0sYsE0XRaWuWRCAE-](https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/703235966467719/?__xts__[0]=68.ARCKyTBkcC8tTeUDw0nT0sYsE0XRaWuWRCAE-)

Fmmgf3x1SKYtpGu8YYRtAT4n3zjAESXc0AhVhRKzfTRsD0WQOXZmFjgJ69iHWEoc7oaM4aaRoRYyMZ6GdRQcEHVMMDFKJ2NLdXBDmzWhjzLIVdmZyTZ82196yXbl4phuu82kTTC8eohe-Vex5tL-

oqNjumCyP2FZUFJCT9Y3ANKalbxlLpebleRO3jQbMdzgnR6Tt2F3Y7RJh14-

yjKKvPSQMeY9RkTSPz9p0RfGaYSHKnjJeLmSYNYao-ogfRbQOmSsR8VGBFbzWmBGZVknTmXLXTYDidloOq-

7KA&\_\_tn\_\_=R

<sup>9</sup> Postagem disponível <https://www.facebook.com/dandriel.henrique/videos/1464872150221802/> . Acessado em 07.jan.2019.

mas explorando seus princípios em sua própria prática. Os movimentos, assim como a opinião pública em geral, coincidem em denunciar o escárnio a que são submetidos os ideais democráticos na maior parte do mundo.

(2017, p. 243)

Desta forma, #UERJResiste é concebido como um movimento social em rede, uma estratégia comunicacional adotada para enfrentar os ataques desferidos pelo Estado e convencer a opinião pública pela sua defesa. A comunicação trouxe profundas mudanças tecnológicas e organizacionais como cerne da sociedade da informação ou em rede como nova estrutura social. Essa nova estrutura propõe novas formas de organização dos movimentos sociais modernos. (CASTELLS, 2016)

Neste cenário político, uma série de questões advindas do avanço do pensamento neoliberal no mundo, o discurso hegemônico de privatização instaurado nos últimos tempos por meio de medidas e governos conservadores no Brasil e na América Latina levará a opinião pública a aceitar o desmonte da educação pública e a privatização da Universidade? Como a mídia de massa, como importante aparelho ideológico, fundamental para compreender a opinião pública, tem se apropriado do discurso do movimento #UERJResiste?

### **Momentos Sociais em Rede: #UERJResiste das redes sociais à opinião pública**

A internet por meio das redes sociais digitais é hoje a arena pública de disputas simbólicas importantes que pautam a vida cotidiana. Movimentos sociais têm trabalhado intensamente em suas pautas e reivindicações por meio dessas redes. Como atuam os movimentos sociais dentro desses espaços?

Para entender a sociedade contemporânea, buscamos em Lemos (2002) o conceito de cibercultura, pensado pelo autor como o presente, uma cultura contemporânea marcada pelo uso das tecnologias digitais, sem determinismos técnicos ou sociais. Este sendo o ponto de partida para imergir nas redes sociais digitais, em especial o Facebook, destacando suas sociabilidades e o capital social agregado pelo indivíduo na ferramenta que tem fundamental importância aos movimentos sociais, conforme afirma Recuero:

O que é diferencial nos sites de redes sociais é que eles são capazes de construir e facilitar a emergência de tipos de capital social que não são facilmente acessíveis aos atores sociais no espaço off-line. Por exemplo, no Orkut um determinado ator pode ter entre 300 e 400 amigos. Essa quantidade de conexões, que dificilmente o ator terá na vida off-line influencia várias coisas. Pode assim, torná-lo mais visível na rede social, pode tornar as informações mais acessíveis a esse ator. Pode, inclusive, auxiliar a construir impressões de popularidade que transpassem ao espaço off-line.

(2009, p. 107)



Desta forma, ao falarmos em redes sociais digitais ou mídias sociais, não falamos somente das sociabilidades na internet, mas também da dimensão das relações dos grupos sociais no cotidiano *off-line*. Entendemos aqui a mídia social como a dinâmica da rede social, envolvendo a criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos em plataformas *online*, como sites de rede social, a saber, os mais populares Facebook, Youtube, Twitter, Instagram, Snapchat, Whatsapp entre outros.

Para estudar estes “lugares” na internet, percorremos os caminhos chamados por Laura Gomes e Débora Leitão como *etnografia-stalker*, em que o pesquisador a partir de um ponto de vista multissituado, sem que para isso se identifique aos pesquisados, percorre o fluxo das socialidades em perambulações. Ou seja, “*o pesquisador observador atento as movimentações vai rastreando os espaços e viajando enquanto usuário da própria rede e onde sua curiosidade vai levar.*” (GOMES; LEITÃO, 2017, p. 54)

Conforme Gomes e Leitão (2017), a rede social escolhida, o Facebook, estabelece um realismo identitário, como se a rede fosse uma identidade real no ciberespaço. O que nos leva no cotidiano, por exemplo, a buscar o nome de nossos colegas de turma, de trabalho, mantendo-nos conectado também na rede social virtual laços de amizade, como se fossem um espelho da realidade.

O estudo desse novo campo requer a utilização de um método específico, que compreenda como se dão as sociabilidades e difusão de sentimentos e sentidos. Ainda, acrescentamos que o uso de uma narrativa de controvérsia das relações *on line* e *off line* são importantes para construção de um contexto dos acontecimentos e estabelecer as relações da instituição e do movimento social perpassado necessariamente pelas transformações que as tecnologias da comunicação e informação impõem à cultura cotidiana e vice-versa, numa constante retroalimentação.

Mas, diferentemente dos movimentos sociais analisados por Castells (2017), marcados por um padrão emergente de rompimento com a política local e baseados no sucesso de outras mobilizações notadas ao redor do globo, #UERJResiste tem uma dimensão diferente. Observamos que o movimento social se insere no que Sodré (2006) descreve como estratégia sensível, estabelecendo uma relação direta com a produção midiática na contemporaneidade, sobretudo num entendimento de sociedade em rede.

As estratégias sensíveis estão presentes nos processos comunicacionais da mídia tal como Sodré (2006) nos fala que a mídia hoje configura afetivamente e perceptivamente as formas como o homem codifica o mundo. Razão e emoção não estão em campos opostos, para

Sodré à luz de Hegel, “sentimento” é uma primeira forma de razão presente no *ethos* e que se transmite de geração em geração.

“*A emoção está aí a serviço da produção de um novo tipo de identidade coletiva e de controle social, travestido na felicidade pré-fabricada (...)*” (Ibid., p. 51). O teórico da comunicação aponta a vinculação como a essência do processo comunicativo, diferenciando a relação e a interação como processos diferentes. Sodré discorre sobre a vinculação buscada pela mídia, que pressupõe uma inserção social, criação de identidade, independente do indivíduo, produz subjetividades no que ele chama de *bios* midiático.

Levando em consideração a formulação McLuhaniana “o meio é a mensagem”, a mídia deixou de ser o canal de envio de mensagem e se tornaram o próprio conteúdo que constrói uma nova materialidade dos comportamentos que se constitui enquanto instituição, aquela que assegura de maneira duradoura a internalização do saber social.

A forma médium torna-se, assim, uma espécie de suporte da consciência prática na medida em que os fluxos informativos fazem interface, reorganizam ou mesmo inventam rotinas inscritas no espaço-tempo existencial. A própria recepção ou consumo dos produtos midiáticos apresenta-se como atividade rotineira, integrada em outras que são características da vida cotidiana.

(SODRÉ, 2006, p. 51)

Desta forma, #UERJResiste se coloca enquanto uma estratégia do movimento social essencial para ganhar espaço e voz através da criação de vínculos com a sociedade civil para dar conta da defesa de suas ideias. A partir dessa representação, podemos analisar como a página se coloca na internet através da mídia Facebook e analisar como se constrói essa identidade do movimento social em rede #UERJResiste que pretende resistir aos deslocamentos discursivos vigentes.

Em conversa com um dos moderadores do perfil de #UERJResiste, o Prof<sup>o</sup> Renê Forster, foi verificada que o perfil surgiu de uma necessidade observada por membros da Associação de Docentes da UERJ (Asduerj) em comunicar de maneira homogênea o que estava acontecendo com a Universidade tanto para o público interno quanto externo à UERJ. A criação da página se deu pelo Conselho Diretor do sindicato, sendo colocado como uma ferramenta de comunicação e não um movimento social, sendo um reflexo das pautas da associação de docentes. A página é mantida por professores que se orientam pelas assembleias docentes para produção dos conteúdos. Para Renê, a página se difere quanto a sua linguagem, que é mais “solta”, mais lúdica e mais moderna que a do sindicato.

Forster (2018) lembra também que o funcionamento da página se dá de forma independente da associação, uma vez que o conselho não é vinculado diretamente à instituição.

A página foi criada no dia 28 de janeiro de 2016, dia em que está registrada a primeira postagem na plataforma, que atualmente conta com mais de 68 mil seguidores, conforme mencionado anteriormente. Numa comparação com outras páginas relacionadas a Universidade, conseguimos perceber o alcance destacado da página, tais como a página oficial da UERJ, com 75 mil, UERJ da Depressão, com 72 mil, Asduerj, com 21 mil.<sup>10</sup> Importante destacar que durante o período estudado, o ano de 2017, as demais páginas tinham números inferiores aos consultados recentemente, inclusive a página oficial, que passou a ter uma frequência de postagem maior a partir do ano de 2017.

É interessante notar que o perfil ganhou uma institucionalidade no passar do tempo, vindo a ser buscado pela imprensa em diversas ocasiões e também pela produção de documentários. Quando começou era uma comissão com dez membros, o planejamento de postagens era submetido a comissão e passava por aprovação. Hoje em dia tem quatro, sendo três docentes e uma aluna, sem intervenção da comissão. Inicialmente se produzia conteúdo, como memes e divulgação das manifestações. Com o retorno das atividades, o conteúdo deixou de ser produzido. O principal meio de se postar é através de compartilhamento de notícias e divulgação dos eventos da UERJ.

Não existe uma governança de conteúdo muito clara, nem sempre há interação com quem comenta as postagens, o que deixa espaço para que sejam feitos comentários desapropriados. Apesar disso, foram poucos os usuários banidos da página por violação de direitos. Conforme Forster (2018), a situação de ataque à Universidade é um ato contínuo, o que o faz manter as ações dentro da plataforma, por mais a situação seja de relativa normalidade. Medidas de desfinanciamento e a própria autonomia administrativa da universidade são alguns dos temas recorrentes.

Essa situação de ataque é permanente. A gente vê, por exemplo, uma perseguição política no Pedro II. Então, tem um ataque generalizado a Educação Pública como um todo. A gente acha que é importante a gente manter esse instrumento de comunicação. Mas hoje a plataforma do Facebook, depois da última mudança de algoritmo, tá muito ruim para a gente trabalhar.

(FORSTER, 2018)

Os caminhos para o futuro da página ainda são incertos, devido as constantes mudanças dos algoritmos na plataforma da rede social. Esta discussão traz a luz a controvérsia do Facebook em relação à sua política de privacidade, propaganda e também enquanto uma mídia, que precisa ser discutida e devidamente regulamentada.

---

<sup>10</sup> Dados conferidos em 13.ago.2018

Concordamos com Pariser (2012), que o Facebook se mostra cada vez mais como uma mídia preocupada com sua esfera econômica, sendo desta forma, questionável a sua efetividade em fornecer espaço de comunicação democrático de resistência. Não se sabe como é realizada a escolha do que aparece nas *timelines*, essa filtragem de informações, dita pela plataforma como “relevantes” para você, têm forte tendência em manipular o debate e sentimentos no âmbito da esfera pública, sem que tenhamos ferramentas claras de como essa seleção acontece. Outro fato notadamente importante de se falar é sobre *fake news* e os perfis falsos na plataforma, sobretudo em relação aos escândalos nas eleições no Brasil e ao redor do mundo e na ascensão de Donald Trump à Casa Branca.

A partir da visibilidade alcançada pelas pautas levantadas por #UERJResiste no Facebook e também de uma oposição das várias corporações de mídia ao Governador Luiz Fernando Pezão, foram realizadas muitas reportagens, matérias e documentários, inclusive para uma TV de origem chinesa, a CCTV.<sup>11</sup> Também destacamos as entrevistas já citadas neste trabalho que tiveram transmissão em jornais de âmbito nacional.

Dado o destaque e a influência dotada pela pauta de #UERJResiste, faremos uma breve análise da reportagem-documentário denominada “Um Mês na UERJ”<sup>12</sup>, exibida no mês de junho de 2017, pela Rede Globo de Televisão, através do programa jornalístico regional RJTV2. A série pretendia mostrar “a crise” por um ângulo diferente. Nathalia Castro, uma repórter jovem com sua câmera em mãos explora as dificuldades e os sentimentos de sofrimento que servidores e alunos enfrentam dentro da Universidade. A reportagem foi premiada no Prêmio Estácio de Jornalismo 2017, na categoria TV, modalidade nacional.

Analisamos o primeiro episódio do documentário, em que observamos um alinhamento do discurso produzido com os anseios do movimento, ao dar visibilidade as pautas e sensibilizar um amplo público, dada sua audiência e penetração, cobrando respostas e soluções ao Governo do Estado em atender as demandas necessárias à Universidade. Mas, na mesma medida, a partir do momento em que a TV representa essas demandas, se apropriando do discurso de resistência, deixa de produzir uma pauta de luta e de defesa da Universidade Pública, lançando olhares conformadores e não transformadores. O foco como sempre é na infraestrutura, quando

---

<sup>11</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/619854441472539/?\\_\\_xts\\_\\_\[0\]=68.ARAznxxOXYqt3t-Va-Wbde\\_xA5WvJTE0QE5Xw3UvBduF9qolBkHjEQztV7QcKpQcyNvpSM-jTaSu3BswPFjohuUD8T\\_a6vKH7ACWZ1rnRvYI2WpuvKa6JNxz4uQOt-7T2Lq7V6DfSaOhKK4mI0vGs0tnQqGltCZ0IPFNhUS\\_OBxV9cPRzSo\\_25zvKXvmEX6\\_7dWY6\\_RhdVduzkkzUTKo7Bqq3\\_3RzsHrqu1J72Wn-tY6qMzJVmMk49zuXwATi7uqvygJP23Xx-sQt0KZx-WAGi57lIikgSg8nh-myU5EMQPDZmzWoh0dfqSx8BrPeHzWEPzYOgQ8VGWjJvor8-A7JI9NT9L96sI7sA&\\_\\_tn\\_\\_=H-R](https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/619854441472539/?__xts__[0]=68.ARAznxxOXYqt3t-Va-Wbde_xA5WvJTE0QE5Xw3UvBduF9qolBkHjEQztV7QcKpQcyNvpSM-jTaSu3BswPFjohuUD8T_a6vKH7ACWZ1rnRvYI2WpuvKa6JNxz4uQOt-7T2Lq7V6DfSaOhKK4mI0vGs0tnQqGltCZ0IPFNhUS_OBxV9cPRzSo_25zvKXvmEX6_7dWY6_RhdVduzkkzUTKo7Bqq3_3RzsHrqu1J72Wn-tY6qMzJVmMk49zuXwATi7uqvygJP23Xx-sQt0KZx-WAGi57lIikgSg8nh-myU5EMQPDZmzWoh0dfqSx8BrPeHzWEPzYOgQ8VGWjJvor8-A7JI9NT9L96sI7sA&__tn__=H-R). Acessado em 10.mar.2019.,

<sup>12</sup> Disponível na plataforma Globo Play em <https://globoplay.globo.com/v/5919065/>, acessado em 09.ago.2018

mostrado o acúmulo de lixo, banheiros em péssimo estado, corredores vazios, homogeneizando os estereótipos das instituições públicas brasileiras.

A fala de personagens, como alunos, professores e funcionários, buscam emocionar o telespectador e sensibilizá-lo através do afeto demonstrado mesmo nas situações adversas. É importante ter a mídia ao lado da Universidade, expondo os descasos do Estado com a educação e seus servidores, porém preocupa-nos a apropriação do discurso, como ele se potencializa na mediação e reforça a potência da mídia, da televisão, que atende a interesses próprios e esvazia um debate político em torno das demandas e reivindicações sociais dessa causa.

Reforçamos o entendimento de que a mídia é parte fundamental da nova esfera pública e os movimentos sociais dependem de moldar a esfera pública para poder mudar a opinião pública. Ao falarmos em mídia nesse contexto, destacamos a importância que assumem as mídias sociais, sem esquecer a relevância que a televisão possui no Brasil, penetrando em quase 98% dos lares<sup>13</sup>. A partir daqui também emergem outras importantes discussões, como o investimento na política de mídia, para que não tenhamos uma opinião pública e uma esfera pública a cargo das corporações midiáticas. (CASTELLS, 2008)

### **Considerações Finais**

#UerjResiste se coloca enquanto uma bandeira importante, que gerou a identificação da Universidade enquanto espaço político periférico nesse período, provocando uma mobilização de solidariedade totalmente diferente de outros movimentos que se construíram até então. Ele traz em seu escopo não somente a voz de seus componentes, servidores, alunos e terceirizados, mas também a voz institucional, em que a Reitoria também se coloca e se expressa juntamente com seus servidores contra o Estado, a quem ela estaria subordinada.

Conforme comentado na seção anterior, em que descrevi meu envolvimento com a UERJ, ao longo da minha atuação enquanto estudante sempre busquei participar dos acontecimentos da Universidade e me engajar na luta pelas melhorias tão necessárias. Desta vez, observo no movimento #UERJResiste uma mobilização de solidariedade totalmente diferente dos que se construíram até então, por que traz em seu escopo não somente a voz de seus componentes, mas também a voz institucional, em que a Reitoria também se coloca e se expressa juntamente com seus servidores contra o Estado, a quem ela estaria subordinada. Em outros momentos, os alunos reivindicavam suas demandas à Reitoria, os professores e funcionários por meio das associações e sindicato reivindicavam ao Governo do Estado e,

---

<sup>13</sup> <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>

muitas vezes de portas fechadas as negociações institucionais, nem sempre democráticas, aconteciam. Mesmo que nossa intenção não seja analisar os movimentos sociais tradicionais e as disputas hegemônicas, é importante notarmos que a Universidade como ambiente organizacional voltado ao conhecimento é pautada pelo conflito próprio da construção científica. Precisamos observar também a ação que tem origem nas redes sociais e estratégias voltadas para uma causa que é de grupos associativos e também da instituição como um todo.

Neste ensejo, a Educação Pública torna-se cada vez mais alvo do avanço do pensamento neoliberal e privatizante, sobretudo quando se apresentam novas formas políticas ditas liberais e conservadoras. Entendemos que a mobilização social por meio das redes sociais é ferramenta importante para propor debates no âmbito da esfera pública, porém é necessário o entendimento de estratégias comunicacionais para que obtenha êxito nessa jornada.

Como aprofundar os debates importantes para a sociedade sem a manipulação de escolhas políticas? Podemos confiar nas redes sociais enquanto uma nova esfera pública, de comunicação horizontal e livre? Estas são algumas questões para as quais não tenho respostas muito positivas e nem definitivas, mas que apontam caminhos interessantes em novos estudos para os movimentos sociais em rede.

Importante destacar, neste momento final, que não pretendemos esgotar ou demonstrar um estudo finalizado, por isso a intenção de que seja um estudo exploratório, em que foram deixadas algumas impressões iniciais de pesquisa.

A partir deste estudo exploratório, pretende-se imergir nos caminhos e fluxos oferecidos pelas narrativas construídas pelo Facebook, numa perspectiva indicada pela etnografia digital de Gomes e Leitão (2017). Essa narrativa, em toda a sua dimensão e mediação, desvelará dados importantes de como se situa a Universidade Pública e a eficácia das estratégias empregadas pelos movimentos sociais em sua defesa.

## Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, M. **The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance**. The ANNALS of the AAPSS, n. 616, mar. 2008. Disponível em: <https://annenbergl.usc.edu/sites/default/files/2015/04/28/The%20New%20Public%20Sphere.pdf> Acesso em: 10 mar. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da Opinião Pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

DAS, V.; POOLE, D. **El Estado y sus márgenes**. Etnografías comparadas. Cuadernos de Antropología Social, n. 27, 2008. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/CAS/article/view/4328>. Acesso em 10 mar. 2019.

FORSTER, Renê. **Renê Forster**: depoimento [mar. 2018]. Entrevista concedida ao autor. Arquivo digital.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O golpe de Estado e o desmanche da universidade e da esfera pública *In* Phellipe Marcel, Iuri Pavan, Mauro Siqueira (Orgs.). **Hoje acordei pra luta!**: intelectuais pela universidade pública. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.

LEITÃO, Débora; e GOMES, Laura. **Etnografias em Ambientes Digitais**: perambulações, acompanhamentos e imersões. Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, p.41-65, 1. sem. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/download/546/pdf>. Acesso em 10 mar. 2019.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais**. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.